

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

REDACTOR — ALFREDO C. C. QUEIROZ.

Editor — Joaquim Domingues de Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos — Assigna-se a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, largo de Palacio n. 17. As assignaturas são pagas adiantadas.

NUMERO 35.

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 14 DE SETEMBRO DE 1873.

### Festa inaugurativa da estatua de Gonçalves Dias.

Esteve na altura que se podia desejar a festa inaugurativa da estatua do nosso immortal poeta Dr. Antonio Gonçalves Dias.

A's 5 horas da tarde de 7 do corrente descobrio-se ás vistas impacientes do publico o vulto d'aquelle que, a troco de muito trabalho, de dores acerbas, de angustiosos soffrimentos, engrandeceu o seu paiz.

Muitas forão as allocuções e poesias que á memoria do grande vate preferirão-se nessa occasião; entre as primeiras notamos a do nosso distincto comproviciano Dr. Gentil Homem de Almeida Braga que mais uma vez mostrou-nos na eloquencia de sua palavra seu robustissimo talento; e nas segundas as dos Srs. capitão Mello, e Miguel Marques.

A estatua foi saudada por diversas vezes.

## FOLHETIM.

### Deshonra e crime.

ESBOÇO D'UM ROMANCE.

Por A Britto.

A meu amigo Lima Barata.

(Continuado do n. 34).

III

Anna, enfim, já havia conhecido por si mesma, que aquelle seu estranho, novo e desordenado sentimento significava um amor puro e angelico. Conheceu que amava a Alfredo. Ficou certa de que o seu amor fraternal, tão sincero e extremo havia se mudado nesse outro affecto nobre, doce e vehemente, que lhe dava a natureza.

Muitas vezes ella a sós formava a resolução de ir communicar a seu irmão o seu novo modo de amor, e perguntar-lhe se elle aceitava esse amor ou reprovava-o; mas não se animava a tanto. Temia que Alfredo o repellisse.

E tinha razão. Elle amava-a, estimava-a, adorava-a mesmo, mas era como irmã. Essa amizade felicitava-o. Não seria provavel que

A's dez horas da noite quando a maior parte do povo já se tinha retirado, e a lua brillava desassomburada, pateando as verdes folhinhas que erão de leve embaladas por uma brisa suave, via-se ante o alto pedestal um alvo grupo de candidas meninas que depunhão as mimosas flores ao som de uma brilhante composição do nosso intelligente maestro Leonadio Riol. Erão as alumnas do collegio de N. S. de Nasareth, prestando a homenagem da innocencia ao genio!

Jamais a nossos olhos desdohrou-se quadro mais tocante, mais sublime do que esse.

E assim finalison-se uma festa que ansiosamente esperavamos; assim pagaram os Maranhenses o tributo á memoria do seu dulcissimo cantor.

### Rubens sustentando seus direitos.

(A PROPOSITO DE QUADROS DA PAIXÃO.)

O trabalho do Sr. Keller não é perfeito nos quadros phantasticos, é pessoalmente ridiculo nas pantominas comicas, certa-

mente mais proprias de um circo, porem exultante e commovedor nos seus magnificos quadros da paixão de Christo, e começo por consignar particularmente ao director da companhia um sincero voto de louvor pela naturalidade com que desempenha seu papel todas as vezes que imita o Divino Mestre. Mas Jacques foi precipitado; devia ter esperado pelo espectáculo de quinta-feira 4 do corrente, e, se agora viesse fallar da companhia Keller, não seria tão rigoroso de opinião, tornando-se assim mais digno de ser contemplado nos felizes recehedores das cartilhas de agradecimento.

Eu conto com uma palavra de honra!

Pois se o Keller promette acatar respeitosa e as opiniões justas e a critica moderada, eu, que vou esforçar-me por mostrar que tenho razão em alguns pontos que observei nos quadros da paixão, parece-me estar no caso, e muito no caso, de receber a adequadada missiva d'esse Sr. Como já disse, os quadros são bellos o trabalho do Sr. Keller soberbo, tudo enfim, nos quadros da paixão, agrada go-

ra e exige que eu faça uma cousa tão difficil...

— Difficil! Dizer-me os teus pensamentos é assim tão difficilissimo? Não te comprehendo, Annica.

— É verdade, Alfredo, tornou-lhe esta, que sempre te digo os meus pensamentos, todos os meus segredos; mas, presentemente tenho um, em t'o confesso, que é muito differente de todos os que até hoje tenho tido: é um segredo do meu coração. Tu hes de conhecê-lo, porque t'o diria mesmo sem embargo de não m'o perguntares; mas meu irmão, eu agora te peço por minha vez — consente que mais logo te falle a seu respeito... agora não posso... dou-te a minha palavra que nada te hei de occultar... Sim?...

E ao mesmo tempo foi levantando-se, prompto para retirar-se.

— Pois bem, Annica, logo m'o dirás; disse-lhe Alfredo; mas diz-me ao menos, que quero ver se o advinho, se esse teu segredo do coração é também a meu respeito...

— Sim, é — disse Anna, e desapareceu.

IV

Alfredo ficou só, meditando no segredo de

ralmente; mas, para marcar o brilho da boa reputação que sem dúvida elles merecem, ha um ponto, um unico ponto, para os outros talvez imperceptivel, porém para mim digno de censura, porque importa em illudir ao publico.

O Sr. Keller, annunciando pela primeira vez a paixão de Christo, escreve no topo do seu cartaz: «Serão executadas pela primeira vez nesta cidade, e felicitamente copiadas (represem bem: fielmente copiadas,) os quadros dos immortaes maestros pintores Raphael, Rubens, Miguel Angelo, Leonardo da Vinci, & c.»

O povo corre ao theatro, enchem-se os camarotes, regorgitão de espectadores as platéas, não ha, em somma, um lugar vago; todos accodem a ver reproduzir as angustias do Redempção do mundo.

Rempe-se a cortina e o grupo mais sublime que se pode imaginar patenteia-se aos olhos do publico, que no meio do mais pesado silencio, vê um homem que, nos degrãos do throno de Poncio Pilatos, coberto com um irrisorio manto de rei curva a cabeça coroada de espinhos, e pende os braços desalentados, ligados os pulsos por grossas cordas; vê-o depois esse homem, em uma difficil posição, no acto em que, depois de crucificado, os algozes suspendem a cruz; vê-o nas supremas convulsões da agonia do justo, exhalar o ultimo suspiro e pender exanime a fronto divina; vê-o cercado de piedosos discipulos, coberto da lividez da morte, descer da cruz em que o sacrificiário.

O publico commoveuse porque o Sr.

Keller caracteriza-se de modo á reproduzir o Christo tal qual a religião o descreve. Sobre tudo no quadro da sentença de Pilatos aquelle ar de doce resignação é o mais exacto que se pode exigir. Todos se achão satisfeitos, mas, pena é que se diga, queira foi ao theatro na intenção de ver imitados ao vivo e fielmente, as mais primorosas composições de Rubens e de Raphael, sente-se descontente.

Vou tratar especialmente dos quadros de Rubens, porque a pesar do muito que trabalho por conhecer as maravilhas d'arte de dous seculos atrás, só uma obra tratada das existentes na Belgica, tenho agora entre mãos. (\*)

Comecemos pela *Elevação da Cruz*.

Diz Moke: «A moldura que encerra o quadro é dividido em tres compartimentos, á moda da velha escola flamenga. Um grupo de Santas mulheres, atrás das quaes estão a virgem e S. João occupa um dos lados; do outro estão soldados á cavallo, que presidem ao supplicio deitando entover ao longe os dous ladrões, que também vão ser crucificados. A acção está resumida no quadro do centro, onde os algozes desenvolvem todas as suas forças á suspender a cruz em que pregarão o Christo. Nada pode enfraquecer ou dividir o interesse porque os tres quadros formão um e as figuras pintadas nos compartimentos parecem assistir á scena principal, que seguem com os olhos e com os gestos.»

(\*) *Les Splendeurs de l'art en Belgique*, par M. H. G. N. K., Ed. Fatis et A. Van Hasselt.

Se bem que, como diz Moke, as figuras pintadas nos compartimentos sigão com os olhos a scena principal, contudo, vê-se claramente que o quadro da elevação é dividido em tres grupos distinctos e aquelle que expoz a companhia Keller se compunha de um só.

A virgem, desolada jaz no chão, quando no quadro de Rubens, em um dos grupos, ella está *atrás das santas mulheres* com S. João.

Onde os soldados á cavallo? onde os dous ladrões? O quadro do Sr. Keller, não nos os mostrou. A cruz, o posado madeiro em que estava pregada a victima, era levantada do lado esquerdo apenas por um velho que a empurrava com uma escada, e do direito por dous algozes que a puchão por meio de cordas e d'estes o que estava em lugar mais elevado, nem fazia semblante ou gesto de estar á erguer um grande peso, quando a obracitada nos diz que os judeus reunirão todas as suas forças para levantar a cruz, e acrescenta mais:

«Os carrascos que suspendem a cruz, desenhados no gosto mais violento da escola Italiana, tem alguma cousa de gigantesco e exagerado. Seus musculos de ferro se destacão sobre uma estrutura ossuosa, e o desmedido esforço que lhes contrahê os membros é quasi convulso.»

Já se vê pois que o quadro da elevação executado pela companhia Keller não se assemelha nem de leve ao de Rubens, classificado como uma de suas melhores.

Anna fazia um esforço supremo para adiantar-se, mas era de l. lde.

O que poderia soffrer essa donzella tão feliz, tão rica de carinhos da seu extremoso pae e do seu irmão? Qual seria esse segredo que ella lhe occultava e ella que até aquella idade nunca os teve para com elle...

E, ao retirar-se, Anna havia dito que o seu segredo era também a seu respeito.

Seria por ventura alguma desgraça que os ameaçasse e que ella não se achava com coragem de lha annunciar?

Tudo isto pensou Alfredo, e não podia achar uma luz certa que o esclarecesse. Vacilava e perdia-se em mil conjecturas.

Ninguém mais habilitado do que elle para conhecer os pensamentos de Anna e por isso é que tentava penetrar nas trevas.

—Quem sabe se Anna já não me estima como d'antes, pensou elle; se, conhecendo que lhe sou um ente estranho, queira limitar mais a sua amizade, e tão boa como é custa-lhe a dar-me essa triste nova? Ou, por outro modo, terá acaso ella dado o seu amor á outro... não o meu, mas um outro—o amor que marca-lhe o desti-

no, e envergonhase de m'o dizer ou temia que eu lhe reprehenda por isso?...

E depois destas hypothesez feitas e comparadas com o casto pensar e o feruo coraçõ de Anna, Alfredo com a rubrica que fez, ou involuntariamente ou porque entendesse necessario, consultou também o seu coraçõ: medio a força e o transporte do amor que elle havia dado á Anna. Reflectio, se, de facto tivesse ella amado a outro homem, poderia elle continuar a amar a com o seu amor fraternal. Comprehendia perfeitamente que um amor differia do outro; que não havia incompatibilidade n'elles; mas no seu caso pareceu-lhe que não se dava o mesmo; que para Anna dar aquelle amor a outro seria preciso tirar, sentio todo, ao menos uma parte do que ella lhe havia dado.

Alfredo estremeceu com a idéa de Anna amar um outro homem. Sentiu como um ciúme.

E n'essas conjecturas elle julgava-se desarrasoado.

E de facto assim parecia: pois inquietava-se tanto a ponto de sentir ciúme de um homem que não conhecia e que não sabia mesmo se existia.

Embora mesmo existisse esse homem e fosse real havel-o Anna amado, seria por ventura elle lesado no seu quinhão de affecto fraternal?

Não por certo, porque esses affectos são bem differentes. Elle ficaria com o seu, e como o outro não lhe pertencia, não havia razão para ciúmes.

Entretanto, elle sentia um quer que seja que o incommodava. Continuou a meditar e teve de subito uma supposição.

—E não será ainda possível que Anna empregasse também esse amor no seu irmão adoptivo? pensou elle, e ao mesmo tempo suas feições reanimaram-se com visível transporte.

—Mas porque ella não m'o disse? interrogou á si mesmo, e depois proenrou deslembra-se de tudo o quanto havia pensado, menos da sua ultima idéa, ou porque não via mal n'ella, ou mesmo talvez desejo.

Não reflectio mais no segredo de Anna: pensou nella por algum tempo livremente e com o seu amor de irmão.

(Continúa).

composições: que o digão os contenaes de espectadores da exposição de 4 do corrente á vista da descripção que a cima transcrevemos.

O quadro não foi dividido em tres grupos, a virgem estava cabada por terra, não existião soldados á cavallo e note-se mais, que Rubens retocando o seu trabalho em 1627, acrescentou-lhes o retrato de um ção da terra—nova, que muito estimava.

O *Descimento da Cruz* é bastante conhecido e está hoje espalhado em tamanha quantidade de estampas e gravuras que a maioria do publico havia ter notado que aquella não era a copia exata da pintura de Rubens.

Já não fallo em ter o Sr. Keller augmentado o numero de figuras, pois que compondo-se o quadro que elle promettera imitar somente de nove pessoas, foi preenchido por vinte ou mais.

Dos dous homens que estão debruçados nos braços da cruz, o da esquerda, além de segurar o braço do Christo, devia agarrar com os dentes a ponta do lençol, apoiando a mão esquerda na cruz e o da direita segurando a outra ponta do panno, devia estender o outro braço como amla querendo amparar o cadaver ao passo que tem a perna direita suspensa no ar. Confesso que esta posição é sobre modo difficil porem é assim que está no quadro de Rubens. No centro de cada uma das escadas, que são só duas, e não quatro como se vio, estão os discipulos José de Arimathea e Nicodemus.

No quadro do Sr. Keller, o discipulo que está á esquerda e segura o braço direito do Christo, não deixa ver o rosto, e na pintura de Rubens elle acha-se bem de frente, sendo opinião geral de abalisados entendedores que é essa a mais bella das figuras do quadro pois que é um respeitavel ancão de longas barbas brancas e de aspecto serio porem bondoso.

A posição do Sr. Keller n'este quadro era muito differente da do Christo de Rubens, este, sustentado por debaixo do braço direito pelo veneravel velho, e pelo esquerdo estendido, pelo obreiro debruçado na cruz, é recebido em baixo pelo apostolo Sillecto, que com o pé direito apoiado no segundo degráo da escada da esquerda, recebe em seus braços o corpo do mestre, como escreve Mohe:

«E o apostolo, que recebe em seus braços aquelle corpo divino, o que parece prestes á vergar sob seu peso, deixa apenas ver seus traços desolados, que o movimento de sua cabeça quasi «occulta na sombra.» As pernas pendem

para a direita, Magdalena ajoelhada quasi na frente, com a mão direita ampara uma das pernas e com a esquerda toca ao de leve na outra. A cabeça do Christo pende sobre o hombro e suas feições são completamente despidas de qualquer reflexo da divindade, e n'este ponto Rubens, seguindo o impulso de seu proprio genio, affasta-se ousadamente da maneira de pensar dos mestres Italianos, onde bebêra inspiraões, para excitar mais piedade para com o Christo, sujeitando-o depois de morto a toda extenção das misérias humanas:

«Era preciso, para commover fortemente o espectador, que tudo quanto havia de humano no filho de Maria parecesse «ter succumbido completamente á lei mortal; e, cheio d'esta arrojada convicção, o artista não hesitou, para assim dizer, «imprimir o sello do horrivel sobre a face «do proprio Deus, despojando-a de toda «a expressão nobre, para que só restasse «sofrimento e miseria áquelle cadaver ensanguentado.»

O Sr. Keller não adoptou esta posição. Apoiando o pé direito na cruz, elle curvou-se sobre essa perna e inclinou-se para diante, como se quem sustentasse todo o seu peso fosse unicamente o homem que do alto da cruz lhe segurava o braço.

O apostolo S. João portanto, no quadro da companhia Keller não recebe nos braços o Redemptor. Não estava ajoelhada no primeiro plano a peccadora arrependida, sempre bella através da dôr que lhe annuvia a face, e no entanto essa figura é necessaria n'aquelle lugar, por ser justamente a que se destaca das sombras carregadas que reinão em todo o grupo e recebe em seus louros cabellos desatados um reflexo da luz. Se bem me lembra, nem cabellos louros tinha a Magdalena da companhia Keller.

Porque razão a virgem, muito na frente, segura uma das mãos do Christo? Por certo que não se vê assim na composição do flamengo, e para comproval-o, cito mais uma vez o autor que me serve de guia: «quanto á virgem, não lhe podia ser negado o desespero materno, e o «artista a deixa um pouco atraz, envolvida nas dobras, de uma larga tunica azul, «sobre a qual seu rosto pallido e gelado «se destaca como se fosse de marmore.»

Portanto a virgem não está na frente, nem segura a mão de seu filho: apenas lhe estende os braços supplicante em tocal-o, mostrando querer amparal-o.

Faltou ao lado esquerdo do quadro, junto a escada, uma bacia em que está a

corôa de espinhos e um cravo; no chão, junto á ella, a esponja e o tetroiro que ornava o cabeço da cruz.

A vista d'isto não foi fielmente copiado pela companhia Keller o quadro de Rubens que representa o descimento da cruz.

Só estes dous quadros me offerecerão assumpto para tratar d'elle largamente.

Quanto aos outros dous: a *sentença de Pilatos* e o *Ultimo suspiro*, recorda-me ter visto copias d'ellês, porém não as fixei na memória á ponto de poder dizer se forão rigorosamente executados, sendo para crêr que assim não acontecesse, em face da divergencia enorme que se dêo com a *Elecação* e o *Descimento*.

A respeito do *Ultimo suspiro*, noto que o Sr. Keller podia dispensar aquelle movimento de cabeça e o sopro da vida á exhalar-se no derradeiro alento. Quando se imita uma pintura, parece que se deve conservar immovel, podendo entretanto, visto mostrar-se o quadro duas vezes, apparecer da primeira com a cabeça erguida e aquelle sublime ai de dolorosa resignação, e da segunda mostrar-se de frente baixa e já morto.

A vista da sympathia que em geral granjeou o Sr. Keller com os seus quadros da paixão entre o povo maranhense, ao apparecer esta estirada analyse, tenho completa certeza de que se orguerá um clamor de reprovação contra o *vabat-jair*, unico que se lembrou de achar *senões* n'aquelle que todos louvão. No entanto eu desenvolvo toda a ingenuidade de que sou capaz, para affogar que não pertenço ao numero d'esses impertinentes criticos que nada encontrão á seu paladar.

O Sr. Keller declarou que aceitava toda a critica imparcial e moderada; foi isso que me movêo á escrever alguma coisa sobre os seus quadros, porque, tenho consciencia, tudo quanto deixo dito é a verdade inteiramente imparcial. Se o Sr. Keller não annunciasso que copiava *fielmente* as composições de Rubens, Raphael e outros distinctos pintores, eu só acharia louvores para tratar dos seus trabalhos. Meu fim unico é mostrar que a *Elecação* e o *Descimento* que expoz o Sr. Keller, não são copias dos trabalhos de Rubens, para destruir no espirito talvez de muitas pessoas, a convicção de terem visto estes trabalhos só por assistir ás representações da companhia Keller.

Concluindo, permitta-me o Sr. Keller que lhe aconselhe que nos seus cartazes prescinda do bombastico—*fielmente copiado*—e d'aquelle chasma de licenças dos bispos das cinco partes do mundo.

O publico do Maranhão, já muito illudido por chusmas de chusmas de *panadistas* distribuidores de cartazes de tres palmos, impressos com letras garrafas, acolhe desconfiado á quem se apresenta n'esse gosto.

Diga simplesmente, Sr. Keller, que execute com a sua companhia quadros de sua composição, sobre assumpto da paixão de Christo. O publico da minha terra que aplaude justiciero o verdadeiro merito, não será pela sua modestia que o deixe de louvar. E, se quer que lhe falle francamente, esses grupos que o Sr. apresenta, produzem talvez mais effeito do que se fossem a copia fiel de quadros celebres.

Accêite portanto o meu conselho e continue a fazer seus sublimes trabalhos da paixão do Retemptor; e em meu nome dê os parabens a Sr.<sup>a</sup> D. Emilia Keller, pela dolorosa expressão que sabe tomar quando, vestida de Maria, assiste ao supplicio do Divino Mestre.

Não acbo sem apostar com Jean Jacques (será Rousseau?) um queijo londrino em como sou em quem recebe a carta de agradecimento.

Maranhão 5 de setembro de 1873.  
Giovanni Pascoarelli.

### Uma folha de cravo.

#### DEDICATORIA.

E' teu, mulher subtil, o canto fervido  
Repassado d'amor e de lyrismo,  
De quem tu elevaste n'um só óculo  
As aras do mais puro idealismo!

Oh folha pura e mimosa,  
Que iguadas em formosura  
A mão atva e graciosa  
De quem deu tanta ventura  
A quem de ti hoje goza!

Se eu pudesse num momento  
Falar-te dos seus encantos  
Esforzando o pensamento...  
Mas não posso, não; são tantos,  
Que seria louco o intento!

Permite, folha, consente  
Que eu sôrva o teu grato odor!  
Da que o meu fogo se augmente  
Mirando tua nivea cor,  
Tão fínha, pura e nitente!

Nesse teu mimoso encanto  
Contemplo os encantos della;  
Vejo em tua graça o quanto  
Fascinou-me a face bella  
Que eu adoro tanto, tanto!...

E na tua singeleza,  
Que me encanta e me seduz,  
Mostras-me toda a viveza  
Que de seus olhos transoz,  
Deixando n'inh'alma presa!

Em ti, ó pétala qu'rida,  
Conservo viva a lembrança  
Daquelle que me deu vida  
Numa fala d'esperança  
De seus labios desprendida!

Em ti recordo as delicias  
Dessa noite venturosa,  
Em que das suas caricias  
Gosei numa hora ditosa  
As mais affáveis primicias!

Sempre em ti, de noite e dia,  
Eu terei a copia exacta  
De quem possui tal magia  
Que, no olhar—arrebata,  
E no falar—extasia!

Maranhão—1870. *Vitruvo de Calozans.*

### A Patria.

(VERSÃO DO INGLEZ DE MOORE).

Viagens enfadonhas tenho feito,  
Vagado tenho eu por toda parte,  
Prazer em cada clima achou meu peito,  
Só tu, desanço, em balde quiz buscar-te.

Si n'outras regiões respira a gloria,  
Só uma encontro eu assis extensa—  
—A patria—para mim tão memororia  
Valer por todo o mundo est'alma pensa.

Qual bussola agitada com rudeza  
Que vaga sem saber por que lugar,  
Até que, tendo achado o que deseja,  
Constante tremulando lá vem para.

S. Luiz, setembro de 1873.

S.

## CHRONICA.

Prometti aos leitores do *Domingo* na minha ultima chronica, uma noticia circumstanciada dos festejos do dia 7 de setembro. O prometido e devido, lá diz o adagio; por consequente, abrindo todas as valvulas da minha veia descriptiva, entro no assumpto, e á *peiori* declaro que não me responsabilizo por qualquer exaggeração que me saia dos lábios da penna.

Sou homem das primeiras impressões, e quando as cousas me agradam não ha quem possa comigo por que me torto mais hiperbolico que um hespanhol.

Mas deixemo-nos de lerias. O dia 7 de setembro que hade ser sempre entre nós um dia de enthusiasmo porque recorda um dos successos mais memoraveis dos nossos fastos politicos, foi este anno, nesta nossa Athenas, duplamente festejado. Por um lado a sociedade Mantemissora 28 de Julho o commemorava da maneira a mais condigna quebrando as algemas d'algumas victimas do captivo e pondo suas frentes crestadas pelas trevas da escravidão ao sol da liberdade; por outro a commissão encarregada de erigir um monumento ao nosso primeiro poeta inaugurava-lhe finalmente com a maior pompa e solemnidade, conforme já o disseram alguns jornaes desta capital, e nós o repetimos agora.

Não cabe nos limites d'uma chronica contar tudo o que se deu no pittoresco largo dos Remedios onde teve lugar a cerimonia da inauguração; vou comtudo dizer aos leitores que a população da cidade estava quase toda lá conglobada, e que houve discursos e poesias de metter medo sobressaindo no numero dellas as que verdadeiramente estavam na altura do assumpto que, seja dito de passagem, não foram muitas.

Depois de lido o auto da inauguração pelo escrivão da camara municipal, foi desvendada a estatua que se achava velada pelo *brilho offuscador* de duas bandeiras nacionaes que chamaram muito a attenção dos circumstantes por serem inteiramente novas, e mais ainda quando foram completamente descoradas, porque de bandeiras que eram—tornaram-se em trapos.

Não posso neste particular deixar de louvar o illustre autor de tão bella ideia, assim tambem os dignos Srs. da commissão que podiam se quisessem, dar suas ordens no sentido de tudo ser executado sem que o burlesco entrasse em scena.

Não obstante este pequeno *senão* a cerimonia correu o melhor possível, e quando as vistas avidas do povo se fitaram no vulto magestoso do grande poeta, não houve uma só boca que não soltasse um ah! admirativo. Ouviu-se então por toda a cidade o estrondar constante de innumerables foguetes; no largo houve um rebulico extraordinario, o 5.<sup>o</sup> batalhão de infantaria que lá se achava postado vendo no manto do poeta a purpura dos que cingem a coroa da realza do talento, prestou-lhe as devidas homenagens com honras militares, as musicas com ondas de harmonia festejaram o poeta Rei tocando um hymno entusiasta expressamente escripto para a occasião e dedicado a memoria do poeta, em fim o regosijo como fúscica electrica havia tomado de golpe todos os animos, e era tal o contentamento geral que chegava ao delirio.

Em seguida foi tambem inaugurado o passeio do largo, ao lado do rio Nail, por S. Exc. o Sr. presidente da provincia, do qual foi empresario o Sr. João Antonio Rodrigues, mais conhecido por João das Moedas, que me dizem pronunciará um edificante discurso que deza muito no gosto dos circumstantes por ser a expressão sincera de suas idéas no que respeita a regras de arte combinadas com operações de cambio.

Até as 11 horas da noite houve sempre gente no largo e pela volta das 10 foi elle vasto theatro de uma das mais brilhantes scenas da festa que presenciamos.

O collegio de N. S. de Nazareth, preoçido de sua respeitavel e dignissima directora veio com chave de ouro dar renque a festa.

Todas as suaz interessantes collegias vieram depositar ramalhetes de flores nos degraus da estatua, e tão significativa se tornou esta homenagem prestada pelas meninas ao inspirado poeta que o mais bisoalho vate n'ella se inspiraria.

Uma lindissima coroa de louros foi entregue a uma dos membros da commissão pela Exm.<sup>a</sup> directora em nome do seu collegio, para ser em tempo opportuno enviada ao Dr. Antonio H. Leal. Durante esta poetica cerimonia maviosas harmonias se fitaram ouvir no largo, devidas ao talento musical do meu sympathico amigo L. Rabel coadjuvado pelo de mais alguns seus amigos.

Eis pois como terminou esta bellissima festa cujas impressões hão de por muito tempo viver na lembrança de quem verdadeiramente sabe comprehender o que seja o sentimento do bello.

Cerro-me por aqui que estou cansado. Até domingo.

*Nisto Calixto.*

Maranhão—Typ. do Paiz, imp. M. F. V. Pires.